

Apresentação

Abrimos este número com o ensaio do geógrafo e orientalista Augustin Berque intitulado “Território e pessoa: a identidade humana” (do original em francês “Territoire et personne: l’identité humaine”), que faz uma crítica ao dualismo constitutivo do pensamento moderno. Segundo Berque, é típico da tradição moderna criar oposições entre sujeito e objeto, pessoa e território, reduzindo assim “a pessoa ao *topos* de seu corpo animal” e “o território ao *topos* de um objeto material”. Berque então argumenta que, ao contrário do que reza essa tradição, “os territórios humanos não são neutros”, na medida em que a territorialidade humana não é apenas ecológica, mas principalmente “técnica e simbólica”.

Contamos com três trabalhos que tomam por objeto a relação entre arte e sociedade: “Uma teoria nativa da música: o projeto de brasilidade de Tom Jobim”, de Caio Gonçalves Dias; “A questão do trabalho e o trabalho em questão na música popular brasileira (anos 1930 e 1940), de Adalberto Paranhos; e “Plínio Marcos e João das Neves: trafegando na contramão no Brasil pós-1964”, de Kátia Rodrigues Paranhos.

Caio Dias faz uma abordagem antropológica de discursos proferidos por Tom Jobim em três momentos históricos diferentes, nos quais ele comenta a sua trajetória. O autor enfatiza particularmente o discurso de Tom sobre a bossa nova, em que o compositor se identifica com o Rio de Janeiro, e sobre a fase que tem início em 1973, com o lançamento do LP *Matita Perê*, em que o compositor dialoga com Guimarães Rosa e se mostra sensível à questão da brasilidade.

O texto de Adalberto Paranhos, de caráter historiográfico, analisa a maneira como valores opostos penetraram na música popular à época do primeiro governo Vargas, no sentido de reverenciar a ideologia trabalhista então hegemônica ou, inversamente, opondo a labuta à batucada e tomando o partido da última. Entretanto, em vez de traçar um cenário em que a exaltação do trabalho se opõe radicalmente ao elogio da malandragem, Paranhos argumenta que os dois tipos de discurso se entrecruzam, não se colocando, portanto, “como dois pólos ou dois horizontes de vida que não se tocam”. Também historiográfico, o texto de Kátia Rodrigues Paranhos discute, através das trajetórias de Plínio Marcos e João das Neves, configurações de engajamento político no teatro brasileiro de meados do século XX. A autora contrasta os trabalhos dos dois dramaturgos, tomando as diferenças como significativas de formas também diferentes de tomada de posição política.

Em “Vozes de artesãs”, Luiz Antonio de Castro Santos e Maria Helena Navas Zamora discutem os encontros que realizaram, através da aplicação da técnica de grupo focal, com artesãs da cidade de Ubatuba, cidade do litoral paulista. Os autores mostram de que maneira essas mulheres reagiram a um projeto de intervenção social a elas dirigido no plano da representação e do simbólico, no sentido de cultivar novas identidades e melhorar a auto-estima.

Neste momento contamos também com a participação do professor Edward Telles do Departamento de Sociologia da Universidade de Princeton. No artigo “Em retrospectiva: uma revisão das políticas de inclusão racial do Brasil após dez anos”, Telles traça o percurso da implantação das políticas de ação afirmativa no Brasil e de outras formas de inclusão racial verificadas na última década. Partindo de dados de pesquisas empíricas acadêmicas da UFRJ e da PUC-Rio, além de pesquisas de opinião pública, o autor mostra o crescimento sustentado das políticas de ação afirmativa e os registros sobre as desigualdades raciais.

Encerrando os artigos contemplados neste número, registramos as contribuições de Vanilda Paiva, Paulo Renato Duran e Camila Lameirão. Vanilda Paiva, em “A escola carioca: uma experiência democrática?”, analisa a crise da escola do Rio de Janeiro com uma pesquisa de campo em escolas do município em dois momentos distintos: nos anos 90 e em 2008. A autora pretende registrar a violência escolar existente no interior da escola e questiona a impossibilidade de ser realizada a antiga estrutura escolar, estrutura esta que não sabe lidar com uma cultura escolar distinta daquela pensada quando a violência escolar ainda não era uma realidade social.

Paulo Renato Duran, no trabalho “Dinâmicas e processos participativos nos conselhos de políticas: apontamentos teórico-conceituais e uma abordagem sobre os Conselhos de Saúde”, trata dos processos de participação social na dinâmica da política brasileira com o processo de redemocratização. Mostra como as novas arenas de deliberação política vão expandir essa participação, permitindo que novos atores possam participar da construção das agendas políticas. Paulo Renato tem como objeto de análise os Conselhos de Saúde e quer compreender se os conselhos governamentais são realmente espaços que possam gerar proposições para as agendas do governo.

Camila Lameirão, em “Reformas constitucionais, presidencialismo e democracia em Venezuela, Bolívia e Equador”, procura investigar as características do sistema de governo presidencialista oriundas das recentes reformas constitucionais promovidas por Hugo Chavez na Venezuela, Evo Morales na Bolívia e Rafael Correa no Equador.

Mais precisamente, são discutidas as novas prerrogativas do Poder Executivo e Legislativo, e a relação deles entre si, as quais definem, em boa parte, as perspectivas democráticas nos países selecionados.

A revista publica também, nesta oportunidade, o relatório da pesquisa desenvolvida por Antonio Carlos Alkimim e Paulo Cesár Greenhalg de Cerqueira Lima, intitulada “Consumo, acesso à mídia e participação política e social de estudantes da PUC-Rio”.

A partir de um *survey* realizado no segundo semestre de 2009, com os estudantes de graduação da PUC-Rio, os autores procuram discutir o consumo cultural, acesso à mídia e participação política dos entrevistados, no intuito de retratar um segmento do mundo universitário do estado do Rio de Janeiro.

Apresentamos neste número a entrevista com o antropólogo Gilberto Velho, cuja trajetória coincide não só com a implantação no Brasil de importantes instituições acadêmicas e sociedades científicas como também com o fortalecimento da área dos estudos urbanos, ou seja, das sociedades complexas. Solicitado a falar sobre o seu trabalho, Velho discute, entre outros assuntos, a maneira como ele aciona o conceito de mediação no estudo das grandes metrópoles.

Fechando este sexto número, encontramos a resenha de Sonia Giacomini sobre o livro “Gerações, família, sexualidade”, organizado por Gilberto Velho e Luiz Fernando Dias Duarte, publicado pela Editora 7 Letras em 2009.

Ângela Randolpho Paiva
Ricardo Ismael
Santuza Cambraia Neves
Editores

